



Traindo o trauma, tramando vida

Ramon Victor Belmonte Fontes¹

RESUMO: O ensaio amplia as discussões empreendidas na 1ª Bienal de Performance da Bahia, refletindo sobre o conceito psicanalítico de trauma e oferecendo uma abordagem crítica a partir do pensamento negro radical de Denise Ferreira da Silva e Fred Moten. Ao explorar as possibilidades da palavra resistência, protesto e traição o ensaio sugere como o léxico traumático, construído ao longo do tempo pela gramática psicanalítica clássica, trabalha em conjunto com as arquiteturas globais do capitalismo produzindo a cena de violência contra as vidas dissidentes da normatividade.

Palavras-chave: trauma, cena da violência, pensamento negro radical, bienal de performance da bahia.

Abstract: This essay expands on the discussions undertaken at the 1st Bahia Performance Biennial, reflecting on the psychoanalytic concept of trauma and offering a critical approach based on the radical Black thought of Denise Ferreira da Silva and Fred Moten. By exploring the possibilities of the words resistance, protest, and betrayal, the essay suggests how the traumatic lexicon, constructed over time by classical psychoanalytic grammar, works in conjunction with the global architectures of capitalism, producing the scene of violence against lives that dissent from normativity.

Keywords: trauma, scene of violence, radical black thought, Bahia performance biennial.

Resumen: Este ensayo profundiza en los debates de la 1.ª Bienal de Artes Escénicas de Bahía, reflexionando sobre el concepto psicoanalítico de trauma y ofreciendo una perspectiva crítica basada en el pensamiento radical negro de Denise Ferreira da Silva y Fred Moten. Al explorar las posibilidades de las palabras resistencia, protesta y traición, el ensayo sugiere cómo el léxico traumático, construido a lo largo del tiempo por la

¹ Pós-doutor em Saúde Coletiva, Doutor em Literatura e Cultura e Mestre em Cultura e Sociedade, ambos pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Estudos Culturais, História e Linguagens pelo Centro Universitário Jorge Amado. Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas. Atualmente é professor do curso de Relações Públicas da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: ramon_fontes@hotmail.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7951-8317>.

gramática psicanalítica clássica, opera em conjunção com las arquitecturas globales del capitalismo, generando un escenario de violencia contra las vidas que disienten de la normatividad.

Palabras-clave: trauma, escena de violencia, pensamiento radical negro, Bienal de Artes Escénicas de Bahía.

Introdução

As linhas aqui ensaiadas surgem como ampliação das discussões tecidas na aula magna² “Traindo o trauma, tramando vida”, apresentada dentro da 1ª Bienal de Performance da Bahia³, ocorrida entre 13 e 17 de agosto de 2024, de maneira virtual e presencial nas cidades de Jequié e Salvador, na Bahia. A pergunta tema daquele ano foi “Isto é violência?” e propunha uma reflexão crítica sobre as mais variadas formas de violência espalhadas no cotidiano das cidades, com peculiar atenção para os contextos de exclusão. A escolha das cidades de Jequié e Salvador, na Bahia, para sediar as atividades da bienal não foi ao acaso e cumpriu um papel simbólico importante, afinal, segundo o Atlas da Violência (2025) e o 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025) as cidades figuram no ranking das cidades mais violentas do Brasil. Em entrevista para o portal de notícias Alô Alô Bahia (2025) a artista e curadora da bienal Padmateo Mato Grosso Menezes afirma a importância do evento como um importante gesto político de resistência e liberdade: “A rua é o lugar do embate e da escuta com quem vive a violência no cotidiano. Que as pessoas possam se apaixonar pela linguagem da performance e usá-la como ferramenta de luta e liberdade.”. No contexto das aulas magnas a proposta era a de ecoar as reflexões do cotidiano rueiro, mas também propor um exercício de liberdade imaginativa capaz de complexificar ainda mais tais embates.

A ideia de propor uma aula magna que versasse sobre as dimensões psicossociais da violência surgiu de um exercício de amizade, igualmente construído no território das ruas. A expressão “trair o trauma” surgiu de um lindo diálogo com o amigo Franco Fonseca⁴ e achei

² A aula pode ser conferida no canal Youtube da Bienal de Performance da Bahia. Disponível em: <https://www.youtube.com/@BienaldePerformancedaBahia>. Acesso em: 23 mar. 2026.

³ No conta oficial de instagram é possível acompanhar as novidades e também acessar a programação e discussões levantadas nessa edição. Disponível em: <https://www.instagram.com/bienalperformance/>. Acesso em: 23 mar. 2026.

⁴ Professor de Teatro e Arte-educador social, ator-performer e pesquisador. Mestre em Artes Cênicas, doutorando em Artes (PPGARTS - UERJ), pesquisa a performance brasileira e as interfaces da AIDS. Licenciado em Teatro pela UFRN, atuou como professor no magistério superior na mesma instituição e na Secretaria Municipal de Educação de Natal (2021-2023). Desenvolve oficinas, palestras e cursos que unem formação artística e ativismo político-social, com expertise em cultura LGBTQIAP+, teatro, performance e produção audiovisual. Sua trajetória inclui intercâmbio na Áustria (*Universität für Musik und Darstellende Kunst Wien*) e atuação em projetos de

bonito poder fazer essa referência, essa rememoração, desde um lugar de amizade, para pensar formas de resistência ante os processos múltiplos de violência dirigidos às nossas vidas dissidentes da heteronorma ou como nos diz Conceição Evaristo “assuntar a vida” como esse modo de resistir aos processos acelerados, observar a vida com calma, observar as pessoas, as palavras e todas as camadas que atravessam uma vida (TV BRASIL, 2023). Desde esse exercício que intersecciona amizades, resistências e violências decidi assuntar os meandros da palavra trauma e espero sugerir ao final deste ensaio alguns caminhos, precários *por supuesto*, que tenham a capacidade de produzir trabalhos de reação diante das situações de violência que constituem esse mundo tal qual nos foi dado a conhecer.

O trauma

Para iniciar uma comunicação sobre trauma convém se aproximar da perspectiva psicanalítica, afinal foi através desse arcabouço teórico que a palavra se popularizou, ganhando contornos diversos, mas quase sempre se referindo às situações que envolvem complexidade, isto é, situações que, por sua natureza, não podem ser descritas de maneira rápida e/ou superficial. De acordo com a clássica publicação Vocabulário da Psicanálise (1992), organizada por Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, temos algumas definições para o verbete trauma. Segundo os autores, por derivações da raiz grega, a palavra sugere-nos duas acepções: a) ferida; b) furar, designando uma ferida com efração. No âmbito do discurso psicanalítico podemos constatar a retomada destes termos: “(em Freud apenas encontramos trauma), transpondo para o plano psíquico as três significações que neles estavam implicadas: a de um **choque violento**, a de uma **efração** e a de **consequências sobre o conjunto da organização**” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p.522-523).

A partir da leitura dos argumentos filosóficos de Denise Ferreira da Silva, na primeira versão de A dívida impagável (2019), livro organizado pela Oficina de Imaginação Política com o apoio da Casa do Povo⁵, podemos compreender que a percepção do trauma, quando percebida desde a materialidade das vidas dissidentes da norma hegemônica, funciona como

educação social e ambiental, com contribuições registradas em publicações e participação em festivais de arte. Atualmente é bolsista de pesquisa FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, mobiliza elementos como festa, comida, dança e oralidade em sua linguagem estética e política. Vive com hiv desde 2015, desenvolve o projeto Afeto Colateral, que contagia a cena com questões de raça, gênero, sexualidade e hiv/aid\$. (Texto informado pelo autor na Plataforma Lattes). Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/6322452491719526>. Acesso em: 23 mar. 2026.

⁵ A publicação pode ser acessada em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2026

condição ontológica de funcionamento psíquico do que a autora vai nomear por Mundo Ordenado, ou seja, essa ideia diz respeito “à produção de toda uma configuração de mundo a partir dos pilares branco-europeus que definem os conceitos de Sujeito, Mundo, Tempo, Entendimento e Progresso”. O Mundo Ordenado, nas palavras de Amílcar Packer, leitor de Denise Ferreira da Silva, é “estruturado e reencenado pela tríade colonial-capital-racial” a partir da lógica da violência total” (FONTES, 2023, p.49). Nesse sentido, por mais que saibamos, desde o pensamento de Audre Lorde (2019) que não há uma hierarquia de opressões sabemos, seguindo a trilha da interseccionalidade, que há um acúmulo delas sobre algumas corporalidades e subjetividades. Isto é, a depender de onde a pessoa se localiza no mundo das categorias (Mundo Ordenado) ela é interpelada de maneira mais ou menos intensiva pelos vetores da violência. Dito isto, convém assuntar melhor aquilo que temos chamado da cena da violência para dar a ver o sentido que a linguagem traumática assume quando diante da violência.

Diante da cena da violência...

Refletindo com Denise Ferreira da Silva (2019), se neste Mundo Ordenado a violência total é a condição em que a ideia de sociedade moderna performa sua sociabilidade, pois organizada pela ideia de Entendimento/Verdade, então podemos perguntar: o que dá sentido à sensação de inércia perante tudo o que nos rodeia? Qual a textualidade, qual gramática que nos mantém atados e atadas ao estado das coisas como estão? Por que não há uma crise ética global, mundial, planetária capaz de tocar fogo nesse Mundo e dar a ver outra coisa, diferente do que já estamos acostumados? Porque a violência só pode fazer sentido, como condição ontológica, desde uma perspectiva da sujeição das vidas dissidentes? Por que que pra esse Mundo acontecer é preciso a produção ininterrupta de violência que assujeita as vidas dissidentes da norma? Qual o valor psíquico é despendido pelas vidas dissidentes para seguir vivas?

As perguntas sugerem pra nós que é necessário se demorar mais no ato de observação da cena da violência, não com sentido de produzir respostas fáceis ou unitárias, mas com a intenção de, sobre ela, fazer incidir outras percepções sobre o que nomeamos por trauma. O trauma, ou a linguagem traumática, é justamente a gramática capaz de produzir o acorrentamento subjetivo das nossas vidas dissidentes e para argumentar sobre essa afirmação voltemos às percepções empreendidas pelo vocabulário psicanalítico sugerido

anteriormente.

Do primeiro sentido, como choque violento, o trauma vai dar sentido à constante reencenação de um tempo colonial, na medida em que performa uma temporalidade na qual a sujeição das vidas dissidentes é a economia necessária para fazer acontecer o tempo do progresso, ou seja, o progresso só existe se, e somente se, tais vidas estiverem em condições de desumanização e sobre elas todo um trabalho de expropriação se concretiza, produzindo a manutenção do Mundo Ordenado. O tempo colonial funciona como uma flecha, como uma seta (MARTINS, 2021), que vai de um passado a um futuro, uma relação retilínea com a ordem das coisas que nos constituem (passado-presente-futuro ou início-meio-fim). Ora, para que o progresso aconteça (futuro) é necessário que toda uma performance de exploração continue acontecendo (presente), de maneira a manter as vidas dissidentes sempre no lugar de imobilidade social, já que são elas que constituem a matéria-prima das arquiteturas jurídico-econômicas do Estado-Capital, ou seja, a *commoditie* sobre a qual o capital financeiro seguirá extraindo valor. Na medida em que os indivíduos tentam habitar o presente, como agentes interessados na interrupção do círculo da violência, toda a arquitetura colonial (política, jurídica, econômica) trabalha em conjunto para fazer com que essas vidas habitem um tempo da subjugação, do vilipêndio, da exploração, reproduzindo, na maioria das vezes, um passado senhorial, servil.

É justamente a partir dessa triangulação com o tempo colonial que a linguagem traumática irá propor um sentido de acorrentamento subjetivo ao tempo do passado. Por exemplo: o que é um corpo preto assassinado pelo braço armado do estado com 80 tiros de fuzil numa via pública à luz do dia?; O que é um corpo preto asfixiado até a morte pelo joelho de um policial?; O que é uma travesti espancada, morta e que tem seu coração retirado do corpo, como índice de ódio?; O que são populações inteiras eliminadas por um simples apertado de botão de um drone em territórios de conflito?; O que é uma mulher espancada e morta por um ex-companheiro que não aceitou o término do relacionamento? O que é um corpo racializado que ao adentrar uma estrutura arquitetônica tem seu corpo dirigido para o elevador de serviço?

Do segundo sentido, como efração, o trauma dá sentido à experiência de viver diuturnamente como indivíduos rompidos, roubados, invadidos e usurpados da condição de humanidade. Aqui, fazendo uso de uma imagem do léxico ortopédico, podemos pensar uma fratura exposta ou o sentido de traumatismo como capazes de desenhar melhor essa condição

de viver fraturado, quebrado ou dilacerado ante a negação de humanidade. Pensemos, por exemplo, uma fratura exposta, do fêmur direito, causada por um acidente de trânsito. Nessa imagem o que podemos perceber é a ação do osso diante do impacto causado na região e sua ação dilacerante contra as camadas de pele: o osso entra na pele, rompe a pele, quebra a pele, rasga a pele, dilacera a pele e faz com que o sangue *eflua*, levando o indivíduo à exaustão, desmaio ou morte a depender do tempo sem socorro e da quantidade de perda sanguínea. Portanto, viver traumatizado, por não conseguir acessar ou acessar de modo muito precário a condição básica de vida ou de vida plena que a norma habita (o progresso como *práxis*), constitui a gramática da traumatização na cena global. Ora, enquanto o trauma faz sentido como condição de acorrentamento psíquico o traumatismo faz sentido como economia libidinal do capital contemporâneo.

É dessa segunda triangulação com o tempo colonial que as arquiteturas do par Estado-Capital extraem valor (monetário, físico, simbólico, psíquico, afetivo, político etc.) dos indivíduos. Ou seja, as arquiteturas globais se organizam e funcionam de maneira que os indivíduos permaneçam no trauma, traumatizados, em estado de efração para que o sistema global do capital siga funcionando. Por exemplo: a insidiosa especulação biofarmacológica (GUGLIOTTI, 2024) em torno de novos quadros de saúde, sobretudo mental (Burnout, Estresse crônico, Transtornos de Ansiedade, Depressão, Transtornos do Espectro Autista, Transtornos de Estresse Pós-Traumático, Pânico etc.); Adições contemporâneas (tecnologia, redes sociais, jogos de azar, compras e consumo, conteúdo adulto, trabalho e produtividade etc.); Comportamentos violentos oriundos da perda de centralidade identitária (machismo, racismo, LGBTQIfobia, Redpill, Incel, Radfem [feminismo radical transexcludente] etc.).

Por último, como consequências sobre o conjunto da organização psíquica, o trauma constroi corporalidades e subjetividades dependentes do carimbo da norma para seguirem pertencentes aos fragmentos de humanidade que a normatividade compreende como aceitável. É o que Grada Kilomba vai nomear por inconsciente colonial-capitalístico (GRADA; ROLINK, 2016) CITAR), apesar de que colonial e capitalístico seja, em si, uma construção tautológica. Desde essa percepção, o trauma vai funcionar como um carimbo que atesta a sua passagem por entre as múltiplas camadas sociais (raça, classe, gênero, sexualidade, território, status de saúde etc.), ou seja, como consequência sobre o conjunto da organização psíquica a linguagem traumática tende a produzir indivíduos conformados às normas impostas pela hegemonia e muito pouco afeitos ao exercício da multiplicidade, por exemplo: para ser um

homossexual respeitado é preciso desejar constituir família, tal qual a heteronorma, ou não fazer demonstrações públicas de afeto com seu companheiro; para ocupar o ideal de negritude é necessário ascender socialmente, seguir rígidas regras de etiqueta diante da branquitude e não ousar ser melhor que o mais medíocre dos brancos de seu setor de trabalho, por exemplo; para ser uma travesti aceita socialmente é necessário que tenha passabilidade cisgênera e não crie nos indivíduos nenhuma dúvida sobre o status de feminilidade construído ao longo do tempo; para ser uma mulher bem sucedida é necessário demonstrar diariamente, mesmo sob regimes impossíveis de produtividade, que você faz o mesmo trabalho que seu colega homem, mesmo ganhando menos que ele etc. Esses são exemplos de fragmentos de humanidade oferecidos pelo carimbo da norma, mesmo diante de tantas camadas de violência. Apesar de se apresentar como possibilidade mínima de humanidade, as relações produzida por essa percepção traumática sobre o conjunto da organização psíquica são extremamente frágeis e flexíveis, pois seguem na esteira da reencenação colonial das dinâmicas de poder. Ora, nada garante que você, homem preto com alto poder aquisitivo, vai atravessar os dias sem sofrer um episódio de racismo; nada garante que você, homossexual com pós-doutorado e professor universitário, vai poder circular livremente pelo centro de uma capital metropolitana sem ser agredido com uma lâmpada de vidro em seu rosto; nada garante que você, travesti, negra, parlamentar democraticamente eleita, vai poder defender os interesses comuns aos cidadãos, na presidência de uma comissão parlamentar...

Traindo o trauma

Diante dessa configuração de mundo, qual seria, então, a ação possível para fugir desse cativeiro subjetivo proposto pelo trauma? Como nós criamos outra coisa para além da linguagem traumática? O que existe para além da linguagem traumática? Como nós inventamos um mundo outro que não seja estruturado pelo trauma? Ou em outras palavras, como que a gente trai o trauma de maneira exemplar? Como conjurar planos de liberdade para a imaginação, o pensamento e a existência, já que estas categorias foram forjadas pelo Mundo Ordenado? Como que nós liberamos a capacidade disruptiva das nossas vidas fora dessa linguagem traumática? Em determinado momento da Dívida Impagável a filósofa Denise Ferreira da Silva nos questiona: “O que precisará ser renunciado para conseguirmos libertar a capacidade criativa radical da imaginação e dela obtermos o que for necessário para

a tarefa de pensar o Mundo outramente?” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p.37).

Buscando produzir um diálogo ampliado com o pensamento negro radical e sugerindo abertura de caminhos para assuntar as perguntas elencadas acima lembrei do seguinte trecho, no já conhecido texto “A resistência do objeto: o grito de Tia Herster”, de autoria de Fred Moten (2023, p.27, colchetes meus): “a história da pretitude [e por consequência, das variadas dissidências] atesta que os objetos podem e, de fato, resistem”. Nessa cena da violência, é preciso deixar dito, Fred Moten e, também Denise Ferreira da Silva, estão produzindo uma crítica direta à tradição do pensamento marxista que localiza os indivíduos racializados fora da economia capitalista, isto é, a cena da violência e expropriação brutal da escravidão transatlântica figuram, na lógica da classe marxista, como episódios “necessários e anteriores” ao desenvolvimento do capitalismo, como o conhecemos. Portanto, as vidas dissidentes da norma, e no caso dos dois autores citados a vida das pessoas racializadas, figuram como objetos, pois tem aí nessa relação móvel, objetal, utilitária o seu sentido estritamente econômico e de produção de valor. Ora, resistir ao nível do objeto é, portanto, constituir uma dimensão desejante de ruptura, ali mesmo onde a norma se constitui como central e hegemônica.

Nas palavras de Conceição Evaristo (TV BRASIL, 2017) é constituir uma linguagem ou uma gramática que não sirva para adormecer os indivíduos da casa-grande, mas para acordá-los dos seus sonos injustos. Cabe lembrar que quando pensamos a etimologia da palavra economia temos o sentido de *oikos* (lar) + *nomos* (administração/norma), portanto, “a resistência do objeto é, dentre outras coisas, uma ruptura de dois círculos, o familiar e o hermenêutico” (MOTEN, 2023, p.41). Dénètem Touam Bona, em “Cosmopoéticas do refúgio”, num diálogo possível com Fred Moten colabora da seguinte maneira: “a dissidência sempre decorre de uma ruptura do continuum temporal. [...] construir uma fuga [ou resistir desde a perspectiva do objeto] não significa ser posto para correr. Pelo contrário, é fazer o real escapar, operar nele variações sem fim para contornar qualquer tentativa de captura” (BONA, 2020, p.36-47)

A resistência do objeto é, também, uma maneira pela qual recusamos o léxico traumático, sob condições muito peculiares de pertencimento desejante, e nos dirigimos aos inconscientes que protestam. O protesto, como mobilização contra a condição traumática, guarda na sua raiz latina (da palavra) o sentido de falar em alto e bom som, testemunhar de maneira solene a recusa de determinada condição e no caso das nossas vidas dissidentes, é

certamente a recusa da violência. Portanto, ao recusar o trauma como narratividade primordial da cena da violência capitalística falamos em alto e bom som: "Dirigimo-nos aos inconscientes que protestam. Procuramos aliados. Precisamos de aliados. E temos a impressão de que esses aliados já existem, de que não esperaram por nós, de que há muita gente que está farta, que pensa, sente e trabalha em direções análogas: não tem nada a ver com moda, mas com um "ar do tempo" mais profundo, no qual se fazem investigações convergentes em domínios muito diversos" (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.14). Os inconscientes que protestam seriam, na verdade, os inconscientes que não estão presos à linguagem traumática, são inconscientes que compreendem a perspectiva de viver diferentemente de uma lógica traumática e que recusam o cativeiro proposto pelo trauma como possibilidade de existência.

Na mesma esteira da abertura de caminhos para pensar o mundo outramente cabe um mergulho sobre a palavra traição, que dá nome a este ensaio. Também, como mobilização contra a condição traumática, a palavra traição guarda na sua raiz latina o sentido de entregar, ceder, abandonar. Como índice de abertura e não fechamento nos encaminhamos para o final deste ensaio com a pergunta de Denise Ferreira da Silva: "O que precisará ser renunciado para conseguirmos libertar a capacidade criativa radical da imaginação e dela obtermos o que for necessário para a tarefa de pensar O Mundo outramente?" (FERREIRA DA SILVA, 2019 p.37). É o trauma, o léxico traumático que deve ser abandonado. É preciso que a gente saia da linguagem traumática, como condição de permanecermos vivos e vivas, ante as situações de violência que nos conformam.

À guisa de conclusão

O ensaio aqui proposto foi pensado como uma comunicação mediada pela oralidade, nesse sentido, algo dessa transposição para uma unidade textual sempre se perde, mas o que nele resiste como produção coletiva é o sentido emanando pela amizade. Todo esse voltejo sobre a ideia de trauma foi devido à provocação do meu amigo Franco Fonseca, ao qual eu tenho sempre o prazer de fazer ecoar o nome por todos os lugares em que passo. Esse texto só foi possível porque em uma tarde/noite ele me olhou profundamente e disse: "BICHA, É PRECISO QUE A GENTE APRENDA, DE UMA VEZ POR TODAS A TRAIR O TRAUMA!". Seguindo o exercício da amizade sugiro outras dimensões proverbiais capazes de guiar o que temos chamado de trair o trauma:

- ABANDONAR, DE UMA VEZ POR TODAS, A FERIDA SUPURADA QUE PERMANECE COMO ORIENTAÇÃO DE NORMA;
- DEVOLVER O CORTE COMO SE COMPUSSE UMA CANÇÃO CIFRADA NA CARA DOS CENSORES;
- RECUSAR AS MIGALHAS DE HUMANIDADE AO PASSO QUE CONSTROI UMA ÉTICA DISSIDENTE ALTAMENTE CORROSIVA;
- REFLETIR MAIS SOBRE CINISMO, LÍNGUA BIFURCADA, SARCASMO, GONGADA E *SHADE*.

Afinal, como nos ensina Jota Mombaça:

“Somos ensinadas a não reagir à violência que nos interpela ao mesmo tempo em que somos bombardeadas por ameaças e narrativas de brutalidade contra nós. Nesse sentido, o projeto de redistribuição da violência depende de que acreditemos na nossa capacidade de autodefesa e, a partir disso, mudemos nossa postura perante o mundo. É fundamental que abandonemos a posição de vítima – mesmo quando o estado, a polícia, o branco e o homem cis tem historicamente demonstrado a sua incapacidade de abandonar a posição de agressor. Não há saída senão aceitar de uma vez por todas que fomos inscritas numa guerra aberta contra a nossa existência e que **a única forma de sobreviver a ela é lutar ativamente pela vida.**” (MOMBAÇA, 2016)

Referências

ALÔ ALÔ BAHIA. **Bienal de Performance da Bahia reúne mais de 30 artistas em Salvador e Jequié.** Alô Alô Bahia. Salvador, Bahia, 29 de julho de 2025. Disponível em: <https://aloalobahia.com/noticias/2025/07/29/bienal-de-performance-da-bahia-reune-mais-d-e-30-artistas-em-salvador-e-jequie/>. Acesso em: 23 mar. 2026.

BONA, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**; tradução de Milena P. Duchade. - Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2020.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2025.** Brasília: Ipea; FBSP, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/17165>. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/276>. Acesso em: 23 mar. 2026.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A Dívida Impagável.** São Paulo: Oficina de Imaginação Política, apoio Casa do Povo, 2019. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2026.

FONTES, Ramon Victor Belmonte. **Ekografias do hiv/aids**. 2023. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

FONTES, Ramon Victor Belmonte. **Bailes da vida: a posituação da vida na cena artística contemporânea de hiv/aids**. Sala Preta, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 1, p. 111–134, 2024. DOI: [10.11606/issn.2238-3867.v23i1p111-134](https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v23i1p111-134). Disponível em: <https://revistas.usp.br/salapreta/article/view/217836>. Acesso em: 17 mar. 2026.

FONTES, Ramon Victor Belmonte. **Ekografias: um modo de leitura crítica para as artes contemporâneas**. Sala Preta, São Paulo, Brasil, vol.25, n.2, 2026, No prelo.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 23 mar. 2026.

GUATTARI, Félix, e Suely ROLNIK. **Micropolítica. Cartografias del deseo**. Madrid.: Traficantes de Sueños, 1996.

GUGLIOTTI, João Paulo. **AIDS e envelhecimento homossexual: representações gerontológicas e a linguagem da patologia**. – São Carlos: EdUFSCar, 2024.

KILOMBA, Grada; ROLNIK, Suely. Quando as palavras se deslocam do inconsciente colonial, 2016. Disponível em: <https://www.goethe.de/prj/hum/pt/col/20858896.html>. Acesso em: 17 mar. 2026.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Audre Lorde... [et al.]; organização Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MARTINS, L. M. **Performances do Tempo Espiral: Poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!** 12 de 2016. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_violencia. Acesso em: 23 mar. 2026.

MOTEN, Fred. A resistência do objeto: o grito da Tia Hester. In: **Na quebra: a estética da tradição radical preta**; traduzido por Matheus Araujo dos Santos. – São Paulo: Crocodilo; n-1 edições, 2023.

TV BRASIL. **Conceição Evaristo é a convidada do Trilha das Letras**. YouTube, 15 de nov. de 2023. 30'24". Disponível em: https://youtu.be/xplu30xQvzg?si=5YXmFgaeC55t_0Kn. Acesso em: 23 mar. 2026.

TV BRASIL. **"Não escrevemos para adormecer os da casa-grande", diz Conceição Evaristo sobre escritoras negras.** YouTube, 08 de jun. de 2017. 1'04". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6pCq9E-d8_o. Acesso em: 23 mar. 2026.